Dia 20 — Santa Inês de Montepulciano

Da Ordem de São Domingos

Nasceu Santa Inês em Montepulciano, cidade da Toscana, no ano de 1274. Seus pais, distinguidos por sua nobreza e por sua riqueza, mas muito mais por sua virtude, não perdoaram a meio algum para a cristã educação da menina, persuadidos de que Deus a destinava a grandes coisas e de que eram prognóstico de sua elevada santidade as milagrosas luzes que se deixaram ver no quarto no mesmo instante em que nasceu.

Antecipou-se a devoção à razão; apenas sabia articular as palavras e já mostrava o gosto que achava em rezar. Quando lhe estavam ensinando o Pai-nosso e a Ave-Maria, notou-se que se retirava a um canto e que passava nele de joelhos muitas horas. Perguntada que fazia ali, respondia: «Estou aprendendo a lição rezando.»

Desde o berço deu já a entender seu ardente amor à Mãe, saltava de alegria. Nunca foi menina em matéria de devoção. Crescia em idade, crescia em virtude e, ao mesmo passo, crescia também nela a aversão a todas as coisas do mundo. Aos cinco ou seis anos de sua idade dizia claramente que queria ser religiosa. Ainda que seus pais desejavam que ficasse no século, não puderam resistir às lágrimas e aos suspiros com que anelava continuamente o convento. Logo que completou nove anos, levaram-na ao mosteiro das Sacquinas, assim chamadas porque traziam um escapulário daquela estopa grosseira de que se fazem os sacos. Puseram-na ao cuidado de uma virtuosa e prudente mestra chamada Margarida, a qual, admirando a abundância de graças com que o céu havia enriquecido aquela alma inocente, viu-se obrigada a moderar seu fervor em vez de ter necessidade de excitá-lo e conheceu que o Espírito Santo havia tomado a seu cargo a direção daquela alma privilegiada.

Em breve foi Inês a admiração de toda a comunidade. Sua humildade ingênua e sincera; a mortificação dos sentidos, que admirava as mais perfeitas; sua pontualidade, seu fervor, sua terna devoção, o grande amor que tinha à oração; uma aprazibilidade e uma modéstia religiosa que cativava; uma obediência, uma submissão tão cega que parecia haver nascido Inês sem amor-próprio e sem própria vontade; enfim, uma alegria santa que se difundia em todas as suas ações e se deixava notar em todos os seus modos: todo este conjunto fazia formar tão elevado conceito de sua virtude que certa abadessa estrangeira, mulher de singular mérito, a qual andava visitando alguns mosteiros por ordem do senhor bispo de Arezzo, admirando as extraordinárias prendas daquela virtuosa menina, chegou a dizer que não honraria menos esta Inês a religião com suas virtudes que a outra Inês romana havia honrado a Igreja com seu martírio.

Como era tão consumada sua prudência, em meio de serem tão poucos seus anos, que apenas chegavam a catorze, não duvidou a comunidade em encarregá-la do cuidado do temporal; cuja administração desempenhou com tanto acerto, com tanta inteligência e tão a gosto de todas que acreditou com nova experiência que a virtude dá entendimento e pode suprir a falta da idade.

Mas a mesma reputação de sua extraordinária virtude privou logo deste tesouro o mosteiro de Montepulciano. Informadas e movidas das maravilhas que se contavam de Soror Inês as religiosas de um convento que se acabava de fundar em Proceno, pequena cidade do condado de Orvieto, alcançaram do papa Nicolau IV que se lha desse por prelada, ainda que fazia poucos dias que havia feito profissão e tinha somente dezesseis anos; mas o resultado acreditou haver sido inspirada por Deus esta eleição.

Persuadiu-se desde logo nossa Inês de que só estava à frente das outras para dar-lhes maiores exemplos de humildade, de mortificação e de observância. Na inteligência de que o cargo que lhe haviam encomendado não dava outra preeminência sobre as demais que a mais estreita obrigação de servir a todas de guia e de modelo, não é fácil explicar até que ponto de perfeição chegou seu religioso fervor. Jejuava todos os dias a pão e água; dormia sobre a desnuda terra, servindo-lhe de cabeceira uma pedra. Era jovem e de compleição débil; daqui resultou que o rigor de suas mortificações e os excessos de suas penitências estragaram tanto sua saúde que o restante de sua vida foi uma contínua e dolorosa enfermidade.

Uma que padeceu aos vinte e oito anos de sua idade, tão grave que a reduziu ao último perigo, obrigou seus confessores e prelados a valer-se de toda a sua autoridade para moderar suas penitências. Mas a paciência e a alegria que mostrou na enfermidade não edificou menos suas irmãs que as demais virtudes.

Na verdade, recompensava Deus abundantemente aquela santa severidade que por seu amor exercia Inês contra si mesma. Favorecida frequentemente de visões celestiais e cumulada daquelas inefáveis doçuras que dá o Senhor a gostar na contemplação às almas privilegiadas, conversava familiarmente com seu divino Esposo, e o fim da oração era para ela um doloroso sacrifício.

Conheceram os moradores de Montepulciano a grande perda que haviam feito em deixar aos de Proceno a posse de nossa Inês; e, vendo que nem as súplicas nem a autoridade dos prelados haviam sido bastantes para recobrar esta prenda, valeram-se de um piedoso artifício que lhes saiu bem.

Lembraram-se do desejo que havia mostrado nossa santa, sendo ainda menina, de ver convertida em convento de penitência uma casa de mulheres públicas que havia à entrada da cidade; e obrigaram-se a executar este piedoso projeto, contanto que fosse a mesma Inês a governar a dita casa. Cedeu o amor do retiro ao zelo da salvação das almas; e, obtida licença para passar a fazer a nova fundação, teve o consolo de ver acabado em muito pouco tempo o convento. Formou-se logo uma comunidade numerosa pela pressa que se davam todas em ir pôr-se debaixo de seu governo. Estabeleceu no mosteiro a primitiva regra de Santo Agostinho segundo o instituto e espírito de São Domingos; e, conseguida do legado apostólico a confirmação, dedicou-se inteiramente a levantar o edifício espiritual que estava empenhada em fabricar ao Senhor formando suas novas filhas.

Desde logo se notou a exemplar observância e o fervor de espírito de toda aquela numerosa comunidade de virgens, animadas com o exemplo de sua santa fundadora. Bramava o inferno de raiva, mas em vão, vendo triunfar a pureza e todas as mais brilhantes virtudes onde havia reinado a abominação. Estabeleceu Inês naquele convento o espírito da primitiva regra com tanta felicidade que desde então começou a ser venerado o novo mosteiro de Montepulciano como um milagre da perfeição religiosa.

Admiravam-se todos de como aquela santa donzela não se rendia ao peso de tantos trabalhos e de tantas enfermidades; mas não era este só o continuado prodígio que obrava Deus em sua serva. As frequentes aparições dos anjos, de São Domingos, de São Francisco, da Rainha dos céus e do mesmo Jesus Cristo cumulavam-na daqueles consolos e doçuras interiores que só se podem perceber bem quando se gostam. Favoreceu-a o Senhor com o dom de profecia e o de milagres. Pela oração de nossa santa brotou um manancial de água viva, de virtude prodigiosa para curar todo gênero de enfermidades, e até hoje se chama a água de Santa Inês. Forte fluxão de olhos fez perder a vista a uma de suas filhas e, entendendo a santa prelada que os parentes da enferma queriam tirá-la do convento para solicitar sua cura, fez oração por ela, e ao instante recobrou a vista aquela religiosa. Ressuscitou também com sua oração um menino que se havia afogado nos banhos; e por toda a Itália ressoavam as grandes maravilhas que obrava Deus em Montepulciano e em outras partes pela intercessão de Santa Inês.

Consumida, enfim, ao rigor de suas grandes penitências, prolixas enfermidades e trabalhos, conheceu que o Senhor a queria tirar deste desterro. Foi tão excessiva a alegria que lhe causou esta notícia e tão veementes os gozosos ímpetos e amorosos desejos de ver-se quanto antes com seu Deus que apenas os podia conter. Os derradeiros dias de sua vida apenas foram mais que uma contínua oração; e, ainda que eram indizíveis as dores que padecia, ao ver a alegria e a serenidade de seu semblante parecia que não estava enferma. Finalmente, sentindo já que se aproximava a última hora, recebidos os sacramentos da Igreja com novo fervor, rodeada de suas filhas, que se desfaziam em lágrimas, rendeu docemente o espírito nas mãos de seu Criador, perto da meia-noite do dia 20 de abril do ano de 1317, à idade de 43 anos, havendo passado os 36 no mosteiro.

Ao ponto foi anunciada sua morte por muitos meninos de peito que começaram a gritar desde os berços: Já morreu Soror Inês. Os que foram testemunhas desta maravilha publicaram-na logo que amanheceu e, acudindo ao convento, souberam da boca das religiosas que a santa havia morrido no mesmo instante em que os meninos o anunciaram. Fez Deus glorioso seu sepulcro pelos muitos milagres que obrou nele, sendo grande o concurso dos fiéis a venerá-lo. O papa Clemente VII permitiu aos moradores de Montepulciano o culto público de nossa santa com festa e ofício, por uma bula expedida em 28 de maio de 1532. Clemente VIII, a instância de Henrique IV, estendeu esta permissão a todas as casas da ordem de São Domingos. Não contribuiu pouco a esta extensão de culto Leonor de Bourbon, tia do rei e abadessa de Fontevrault, em cujo reconhecimento os moradores de Montepulciano presentearam a este mosteiro algumas relíquias de Santa Inês. Sua devoção penetrou até o centro das Índias e da América, onde se acham igrejas e mosteiros dedicados a seu nome.

Martirológio Romano

Em Roma, os santos Sulpício e Serviliano, mártires, convertidos à fé de Jesus Cristo pelas exortações e milagres de Santa Domitila, virgem, a quem, por não quererem sacrificar aos ídolos, mandou cortar a cabeça o prefeito da cidade, Ariano, durante a perseguição de Trajano.

No mesmo dia, os santos Vítor, Zótico, Zenão, Acíndino, Cesário, Severiano, Crisóforo, Teonas e Antonino, os quais, depois de vários tormentos, consumaram seu martírio no tempo de Diocleciano.

Em Tomes, na Cítia, São Teótimo, bispo, que por sua santidade e milagres se fez venerar até dos bárbaros infiéis.

Em Embrun, São Marcelino, primeiro bispo desta cidade, o qual, havendo vindo da África por inspiração divina com seus dois companheiros São Vicente e São Domnino, instruiu a maior parte dos povos que habitam os Alpes marítimos e os converteu à fé de Jesus Cristo, tanto com a força de suas palavras como com a virtude de seus milagres, que ainda hoje continuam.

Em Auxerre, São Mariano, presbítero.

No mesmo dia, São Teodoro, confessor, chamado Triquinas por causa de um áspero cilício que vestia; foi esclarecido em milagres, cuja virtude se exercia principalmente contra os demônios: de seu corpo mana um bálsamo que dá saúde aos enfermos.

Em Montepulciano, a bem-aventurada Inês, virgem, da ordem de São Domingos, célebre por seus milagres.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração da santa é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Agnetis virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que sois nossa salvação, ouvi nossas súplicas, para que, assim como celebramos com gozo a festividade de vossa virgem Santa Inês, assim consigamos o fervor de uma devoção piedosa. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 7,24-28

> **Latim:** 24 Unusquisque in quo vocatus est, fratres, in hoc permaneat apud Deum. 25 De virginibus autem præceptum Domini non habeo : consilium autem do, tamquam misericordiam consecutus a Domino, ut sim fidelis. 26 Existimo ergo hoc bonum esse propter instantem necessitatem, quoniam bonum est homini sic esse. 27 Alligatus es uxori ? noli quærere solutionem. Solutus es ab uxore ? noli quærere uxorem. 28 Si autem acceperis uxorem, non peccasti. Et si nupserit virgo, non peccavit : tribulationem tamen carnis habebunt hujusmodi. Ego autem vobis parco.

Português: 24 Cada hum pois, irmãos, permaneça diante de Deos no estado em que foi chamado: 25 Quanto porém às virgens, não tenho mandamento do Senhor: mas dou conselho, como quem do Senhor tem alcançado misericordia, para ser fiel. 26 Entendo pois que isto he bom por causa da instant necessidade, porque he bom para o homem o estar assim. 27 Estás ligado á mulher? não busques soltura. Estás livre de mulher? não busques mulher. 28 Mas se tomares mulher, não peccaste. E se a virgem se casar, não peccou: todavia os taes padecerão tribulação da carne. E eu quizera poupar-vos a ella.

Nota

«Ainda que o principal motivo que obrigou São Paulo a escrever esta admirável epístola aos de Corinto foi o escândalo do incestuoso e a divisão de espíritos que se havia introduzido nos fiéis daquela cidade, não tiveram pouca parte nele as consultas que alguns homens timoratos e desejosos do acerto lhe haviam feito acerca do matrimônio e da virgindade. Ensina, pois, nela como um pode santificar-se no matrimônio; mas ao mesmo tempo prefere a este a virgindade, descobrindo todo o seu valor e mérito.»

Reflexões

Há no homem um fundo de inquietação que a novidade diverte por algum tempo, mas não apaga. Inimigos de nosso repouso, apenas acertamos a ocupar-nos senão no que nos turba; a ausência de um bem imaginário ou real aguilhoa o apetite, e a posse o fastidia. Parece que só temos engenho

para atormentar-nos. Poucos há que estejam contentes com seu estado, e talvez nenhum que não imagine que seria mais feliz em outro: enfermos inquietos e caprichosos, que julgam consistir em mudar de ar ou de quarto o remédio do mal que levam consigo mesmos. Tal é o erro daqueles que, descontentes com o emprego ou com o estado em que os colocou a divina Providência, figuram que em qualquer outro assegurariam mais sua salvação; que em outro clima dariam mais fruto e que seus talentos pediam outro emprego. Somos cegos, diz o Espírito Santo, e não advertimos que a verdadeira origem de nossas inquietações está dentro de nós mesmos. Mantenhamo-nos no estado em que Deus nos pôs: *Nescitis quid petatis.* Contentemo-nos com o emprego e com o lugar em que Deus nos tem. Em todas as partes há cruzes e espinhos. Quando a serenidade dura muito tempo, causa securas. Em nenhuma parte estamos bem senão onde Deus nos quer. Não solicitemos mudar de estado, emprego ou condição quando não há coisa contrária à lei de Deus; mas procuremos cumprir todas as obrigações da justiça em nosso estado; trabalhemos em reformar nossos costumes e em mudar de conduta. São imaginações pueris, pensamentos inúteis, erro crasso ocupar-se em pensar o que não se pode fazer e não pensar em fazer o que se deve.

É privilégio muito precioso conservar toda a vida a virgindade. Como neste estado nos aproximamos dos anjos, parece que nos constitui numa espécie de classe superior à dos homens. As virgens são as que seguem o Cordeiro a qualquer parte aonde vá [^1]. Privilégio foi da virgindade recostar-se no peito de Jesus: aquelas graças especiais que reparte a predileção reservam-se ordinariamente para as almas castas. Contudo, diz São Paulo, se estás atado com o vínculo do matrimônio, vive contente e não desejes desprender-te dele: *Alligatus es uxori? noli quærere solutionem.* O que se casa faz bem; mas o que não se casa faz melhor: mas case-se ou não se case, em qualquer estado que esteja, sua vida deve ser inocente. A virgindade é dom de Deus: por isso não é mais que de conselho; mas a pureza é de preceito. Não entrará no céu coisa manchada. É a pureza a virtude dos cristãos: na verdade, é uma flor muito delicada; mas deve ser comum, e não se pode conservar senão entre espinhos. A vigilância a defende, a devoção a fomenta, a mortificação a nutre e, expondo-a ao vento, murcha-se. Nenhum estado pede maior vocação de Deus que o matrimônio; e nenhuma vocação pede maiores provas. Coisa rara! Todos dizem, e dizem bem, que não se deve abraçar o estado religioso inconsideradamente; que é mister consultá-lo com Deus, examinar a vocação, prever as dificuldades, compreender as obrigações, não ignorar as cargas e os trabalhos, ainda que é um estado tão santo, ainda que nele está a coberto a inocência, ainda que não há nele perigos, ainda que todos os dias amanhecem serenos e que o céu está numa grande calma. Mas trate-se de uma conveniência que se oferece no mundo, onde tudo é tentação, tudo perigos, tudo sedição da carne, tudo motim das paixões, tudo estorvos, tudo agitações, tudo trevas, tudo furacões e tempestades: examina-se por muito tempo a vocação? Consulta-se muito com Deus? Pesa-se e pondera-se aquela portentosa carga de obrigações? Tarda-se em deliberar sobre uma eleição de tanta importância? E quais costumam ser os principais motivos de semelhantes determinações? Faz-se neles muito lugar ao motivo de agradar a Deus? Têm-se muito presentes a religião, a virtude e a salvação? E depois disto nos admiraremos de que haja tão poucos matrimônios felizes e ditosos! Admirar-nos-emos de que sejam tantos os que se condenam no estado do matrimônio! É certo que se pode ser santo neste estado; mas também o é que é mister viver nele como viveram os santos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 17 de São João.

João 17,1-6

> **Latim:** [1] Hæc locutus est Jesus : et sublevatis oculis in cælum, dixit : Pater, venit hora : clarifica Filium tuum, ut Filius tuus clarificet te : [2] sicut dedisti ei potestatem omnis carnis, ut omne, quod dedisti ei, det eis vitam æternam. [3] Hæc est autem vita æterna : ut cognoscant te, solum Deum verum, et quem misisti Jesum Christum. [4] Ego te clarificavi super terram : opus consummavi, quod dedisti mihi ut faciam : [5] et nunc clarifica me tu, Pater, apud temetipsum, claritate quam habui, priusquam mundus esset, apud te. [6] Manifestavi nomen tuum hominibus, quos dedisti mihi de mundo : tui erant, et mihi eos dedisti : et sermonem tuum servaverunt.

Português: [1] ASSIM fallou Jesus: e levantando os olhos ao cego, disse: Pai, he chegada a hora, glorifica a teu Filho, para que teu Filho te glorifique a ti: [2] assim como tu lhe déste poder sobre todos os homens, a fim de que elle dé a vida eterna a todos aquelles, que tu lhe déste. [3] A vida eterna porém consiste: Em que elles conheçao por hum só verdadeiro Deos a ti, e a Jesu Christo, que tu enviaste. [4] Eu glorifiquei-te sobre a terra: eu acabei a obra, que tu me encarregaste que fizesse. [5] Tu pois agora, Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquella gloria, que eu tive em ti, antes que houvesse mundo. [6] Eu manifestei o teu nome aos homens que tu me déste do mundo. Elles erão teus, e tu mos déste: e elles guardaráo a tua palavra.

Meditação

Da verdadeira virtude própria de cada estado

Primeiro ponto

Considera que cada um representa a virtude do estado alheio e poucos se aplicam a conseguir a que é própria do seu. Os pobres pensam nos meios que têm os ricos para santificar-se; e os ricos julgam que não é fácil ser santo não sendo pobre. Aos moços parece-lhes que a velhice é o tempo único e oportuno para pensar na salvação; e os velhos dizem que, passada a mocidade, passou a sazão de aplicar-se à virtude. Os seculares julgam seu estado pouco próprio para a santidade; e até os mesmos religiosos não consideram a santidade senão no sublime e no maravilhoso; nada lhes parece santo se não cheira a prodigioso e extraordinário. De maneira que a santidade, que,

por assim dizer, é um fruto que se dá em qualquer terra, segundo a extravagante imaginação do amor-próprio não se acha senão em lugares inacessíveis.

Mas que diremos, meu Deus, daquele expresso preceito vosso em que nos mandais que sejamos perfeitos como o é nosso Pai celestial? Que estado, que idade haveis dispensado vós desta lei? Se há algum cristão que não possa ser santo, a que fim impor-nos um preceito que fala universalmente com todos?

É certo, pois, que Deus quer seriamente que todos sejamos santos; mas não o é menos que ninguém o será senão cumprindo exatamente as obrigações de seu estado. Toda ideia de santidade que não seja deste caráter é falsa e enganosa. As devoções pouco proporcionadas ou pouco convenientes a nosso estado são puras ilusões do orgulho e do amor-próprio. Zomba o inimigo da salvação com essas falsas aparências da credulidade de uma alma simples: toda devoção que nos desvia de nosso estado é um descaminho.

Não há erro mais grosseiro nem mais universal. Todos querem representar o papel que não lhes foi encarregado; todos querem servir a Deus no que Deus não quer que o sirvam. A um criado que servisse não mais que segundo seu capricho nenhum amo o sofreria em sua casa muito tempo. A observância dos preceitos, a inocência, a mortificação e todas as demais virtudes cristãs convêm a todo gênero de gentes; mas nem todos os exercícios de devoção convêm a todos. O retiro, o frequente trato com Deus na oração, a ignorância ou a abstração dos negócios seculares e o esquecimento de seus parentes são virtudes muito próprias de um religioso; mas um oficial, um magistrado, um pai de família seriam repreensíveis se fossem negligentes nas obrigações de seu estado. Em cumprir exatamente estas obrigações e na fidelidade em fazer o que Deus manda consiste em rigor a perfeição do cristão. Que erro tão crasso é não concebê-la jamais senão na solidão, nos desertos e no cume das mais altas montanhas! Qualquer um tem em sua mão a santidade; nasce a virtude cristã em todas as terras, em todas as herdades do Pai de família; se alguma não produz este precioso fruto, é culpa dos obreiros.

Que consolo tão grande é saber que em todos os estados se pode ser santo e que a santidade própria de cada estado é muito fácil! Mas que dor, que tristeza, que amargura a de não querer ser santo, podendo sê-lo tão facilmente!

Segundo ponto

Considera a bondade infinita de Deus em haver posto a santidade de cada um no cumprimento das obrigações de seu estado. Podia pô-la mais a nosso alcance? Podia fazer-no-la mais fácil e a nós mais inescusáveis?

És religioso? Pois tua santidade consiste na perfeita observância de teu instituto e de tuas regras. Achas-te elevado aos maiores empregos? Pois terás grande mérito no cumprimento de tuas obrigações: não há virtude mais brilhante que a que é inseparável dos bons exemplos. O nascimento obscuro, a condição humilde, as enfermidades e as desgraças são na verdade os meios mais eficazes para conseguir uma elevada santidade; mas a prosperidade nem é estorvo nem o foi

jamais. Sem dúvida é mister ser humilde, doce, sofrido, caritativo para ser santo; mas tudo isto podes e deves ser em qualquer estado. Para entrar no céu necessariamente se há de caminhar por muitas cruzes; mas consola-te com que a sábia providência de Deus semeou delas todos os estados: só é necessário saber aproveitar-se delas. Também são necessárias as boas obras; mas quantas pode fazer cada um sem sair de sua casa? Os cuidados da família são as principais obrigações da virtude.

Por louváveis e preciosas que sejam todas as devoções, ninguém está seguro de que executa as que Deus quer senão o que faz as que são próprias de seu estado. Só estas se acham seguramente em seu devido lugar. Não toca aos criados escolher os ofícios; ao amo pertence determiná-los. Se não são da eleição e do gosto deste, não aprecia os trabalhos mais penosos nem os serviços mais desinteressados. De que serve trabalhar muito se não se agrada?

Pode haver maior ilusão que a daquelas pessoas que desatendem às obrigações de seu estado por satisfazer sua imaginária devoção, que então só é na realidade um refinamento de amor-próprio com máscara de piedade? Ainda que se omitissem todas as obras de supererrogação, visitas de enfermos, obras de misericórdia, penitências e mortificações corporais, cumpriria com sua obrigação o que cumprisse perfeitamente todas as que são próprias de seu estado. Pelo contrário, ainda que tu só fizesses todos os exercícios espirituais possíveis; ainda que te abrasasse o zelo mais ardente; ainda que te exercitasses dia e noite em obras de misericórdia; se esquecesses ou desatendesses as de teu estado, não serias servo prudente, bom e fiel. Qualquer outra ideia de virtude é falsa; não encontrarás santo algum que haja seguido outro caminho; qualquer outra senda extravia. E que maior consolo que achar cada um dentro de sua mesma condição, dentro de seu mesmo estado, dentro de sua mesma idade toda aquela abundância de graças, aquela multidão de auxílios, aquele cúmulo de meios e de exemplos que há mister para ser santo? Mas pode haver maior desgraça que não os haver conhecido ou não se haver sabido aproveitar deles para sê-lo?

Repreendo-me, Senhor, e reconheço minha sem-razão em haver-me imaginado que é coisa impossível chegar à virtude mais eminente sem sair da esfera de meu estado. Nas obrigações mais ordinárias e mais precisas dele tenho quantos meios hei mister para santificar-me, com o auxílio de vossa divina graça; concedei-ma, Senhor, concedei-ma para que me aproveite deles.

Jaculatórias

> *Quæ placita sunt ei, facio semper.* Jo 8.

Nada faço senão o que meu Pai celestial quer que eu faça.

> *Quam bonus Israel Deus, iis qui recto sunt corde!* Sl 72.

Quão bom é o Senhor, Deus de Israel, para os que o servem com coração reto!

Propósitos

1. É artifício muito ordinário do inimigo da salvação fazer que se nos represente a santidade como um fruto de países muito remotos ou que só se produz nos cumes dos montes mais empinados. Em favor destas falsas apreensões, nunca a figuramos ao alcance: nossa imaginação sempre no-la pinta lá entre uns longes muito desviados e com cores pouco comuns. Vive-se no mundo? Pois considera-se a santidade como entrincheirada dentro dos claustros e coberta com as mortificações e penitências da vida religiosa. Logrou-se a dita de abraçar esta vida? Pois perde-se o alento no caminho da perfeição, porque não há forma de conceber a santidade senão revestida daquelas ações ruidosas, daqueles prodígios de penitência, daqueles dons de contemplação sublime e elevada que se admiram na vida dos maiores santos. Corrige desde este instante uma ideia tão falsa e tão perniciosa; e, depondo teu erro, descobre este tesouro dentro de teu mesmo terreno. Persuade-te de que tua perfeição está unicamente anexa ao cumprimento das obrigações de teu estado. O Espírito Santo louva a mulher forte porque fiou, porque trabalhou, porque cuidou de sua casa e família e foi sempre obediente a seu marido. Este deve ser o verdadeiro elogio de uma senhora cristã. Não gosta Deus dessas longas horas que passas na igreja nem dessas visitas dos hospitais se a ausência de tua casa origina mil desordens na família. Não há virtude sem ordem, e tu a transtornas quando não atendes às obrigações de teu estado. Há tempo para tudo, mas faze todas as coisas a seu tempo. Tem zelo da salvação dos outros, mas não descuides a tua. Faze obras de supererrogação, mas seja no tempo que sobra depois das obrigatórias. Dá esmola, mas paga aos criados e a teus credores. Esta lição é importantíssima: não cumprindo cada um as obrigações de seu estado, não há devoção, não há virtude.

2. Seja este o primeiro cargo que hás de fazer-te no exame de consciência; e sejam o primeiro de que te acuses nas confissões as faltas contra as obrigações de teu estado. Conta por nada todas as devoções de muito ruído se faltas a estas primeiras obrigações, que de ordinário são de pouco lustre, mas de grande mérito. Se és religioso, estuda bem os deveres de teu estado e sê exatíssimo na observância das mais miúdas regras. É louvável um zelo ardente: não há dúvida de que o rigor da penitência é de grande utilidade para chegar à perfeição; mas, se por fazer muitas coisas que não são de obrigação se deixam de fazer as que Deus manda; se com um zelo tão ardente, tão vivo e tão laborioso se quebranta habitualmente a observância regular; se, exortando com tanta eloquência os demais a que sejam fervorosos, pontuais e mortificados, és tu tíbio, pouco submisso, pouco exato e nada humilde, não te repreenderá nada tua consciência? Pois trata desde logo de atalhar estes remorsos. É tão importante este conselho que não duvido que o porás em prática. Consulta com um prudente e zeloso diretor o que deves reformar neste ponto.

[^1]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é de Apocalipse 14,4.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:19 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:19 by Admin